

SABOR & PAISAGEM À LUZ DE BACHELARD¹

Flavour and landscape in the light of Bachelard

Lúcia Helena Batista Gratão²

RESUMO

O texto que se apresenta segue pelo campo de exploração da paisagem à luz de Bachelard no sentido de (con)ceder ao saber geográfico o lugar que ocupa o sabor permeado pela memória e pelo imaginário. Um atravessar de mundos (mundo da filosofia e mundo da geografia) procurando dar passagem aos sonhos e devaneios que circunscrevem o campo da poética, buscando decifrar o sabor como essência da terra evocando a casa onírica. Sabor e paisagem no prolongamento de sentidos e extensão do espaço telúrico. Transcurso que se faz pela escrita da terra enquanto significado de geografia. Uma geografia feita por si mesma. Uma geografia feita no confronto com os lugares existenciais. Uma geografia impregnada de valores existenciais enraizados pelo sabor.

Palavras-chave: Sabor, paisagem, lugar. Imaginação geográfica. Poética da geografia.

ABSTRACT

The paper that is presented here walks through the field of landscape exploration in the light of Bachelard trying to concede to geographic knowledge the place occupied by the flavour that is permeated by memory and imaginary. A crossing of worlds (world of philosophy and world of geography) trying to give passage to dreams and reveries that circumscribe the field of poetry, seeking to decipher flavour as essence of the land, evoking the oniric house. Flavour and landscape in the prolongation of senses and extension of "teluric" space. Course which is done by the script of land while meaning of geography. A geography made by itself in the confrontation with existential places. Geography impregnated with existential values rooted by flavour.

Key-words: Flavour, landscape, place. Geographical imagination. Poetics of geography.

¹ Com grande prazer foi escrito este texto composto por saborosos ingredientes que envolvem essências geográficas substanciais, especialmente, quando apreciados à luz de Bachelard. Ao publicá-lo, compartilho com Livia de Oliveira, grande mestre-métier de sabor e de saberes, e Eduardo Marandola Jr., parceiro de buscas pelo sedutor campo geográfico, tornando a escrita do texto ainda mais saborosa, não só por acrescentar novos temperos, mas essencialmente, por apreciar o sabor de maneira diferenciada pelo gosto e pelo paladar.

² Professora do Departamento de Geociências e Pesquisadora do IMAP & P/CNPq, ambos da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pesquisadora do Grupo Geografia Humanista Cultural, da Universidade Federal Fluminense (UFF), e Pós-Douranda na Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Rio Claro. lugrtao@uel.br.

✉ Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Departamento de Geociências, Rodovia Celso Garcia Cid, Campus Universitário. 86051-990. Londrina, PR.

ENTRADA: SABOR AO SONHO E DEVANEIO

A menor variação de uma imagem maravilhosa deveria servir-nos para sutilar nossas investigações. A sutileza de uma novidade reanima origens, renova e redobra a alegria de maravilhar-se.

Gaston Bachelard (1988a, p. 3)

Sabor ao sonho e devaneio serve-se de entrada para iniciar o texto que tem como fonte de inspiração a fenomenologia da imaginação projetada pelo filósofo Gaston Bachelard. Abrir com a epígrafe de Bachelard (1988a, p. 3) é mostrar o sentido que tem imagem no estudo do sabor, e também acreditando que o sabor representa uma dessas imagens que se serve para sutilar essa investigação.

“Sabor & paisagem à luz de Bachelard” é, assim, um tema que se põe com esse propósito e, que a sutileza que o envolve enquanto imagem geográfica possa reanimar as origens, renovar e redobrar a alegria de maravilhar-se com esse campo de investigação. É, portanto, uma proposição de estudo do sabor pela exploração da paisagem enquanto mediação da imaginação. Desse modo, o sabor é um traço de ligação do homem com a natureza. A natureza como fonte e projeção imaginária.

“Sabor & paisagem à luz de Bachelard” é, assim, um transcurso que busca explorar o campo geográfico de pesquisa pela perspectiva da imaginação. Uma perspectiva de abordagem que parte da imaginação à luz do filósofo Gaston Bachelard e se converge na base geográfica existencial do geógrafo Eric Dardel. Nesse transcurso, o que leva ao encontro entre os dois pensadores é o sentido do humano na maneira de ver o mundo, de estar no mundo.

A análise de Dardel o conduz a uma posição quase romântica: a sensibilidade torna possível o acordo, a reconciliação, do

homem com o próprio movimento do mundo, expressão de uma alma sempre obrigada ao segredo. Bachelard experimentará mais tarde a mesma admiração que Dardel diante do poder de impacto da imagem poética, que além de toda relação de causalidade, e também sem os recursos possibilitados pelas lições do pensamento científico, reúne o mundo e o homem, o homem e o homem, numa brusquidão “flambada” do ser (BESSE, 2011, p. 118).

A dimensão do humano está na imagem poética do mundo, na poética do espaço. Besse registrou muito bem essa dimensão em Dardel, quando escreveu: “Se por consequência, Dardel opõe o espaço ao espaço da objetivação científica, é porque quer ‘salvar’ o mundo sensível, que é o espaço humano” (BESSE, 2011, p. 118). “Nesse sentido, podemos dizer que o espaço concreto da geografia [...], nos coloca no espaço em nossa dimensão, em um espaço que se dá e que responde, espaço generoso e vivo aberto diante de nós” (DARDEL, 2011, p. 26).

Esse encontro vai se estabelecer concretamente na paisagem.

A paisagem é a geografia compreendida como o que está em torno do homem, como ambiente terrestre. [...]. A paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização (DARDEL, 2011, p. 30-31).

Observa-se que “a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo. É através da paisagem que o homem toma consciência do fato de que habita a Terra” (BESSE, 2011, p. 119).

Se a paisagem não é uma simples justaposição de elementos disparatados, se ela se apresenta como uma “impressão de

Sabor & paisagem à luz de Bachelard Lúcia Helena Batista Gratão

conjunto”, como totalidade, é preciso compreender que essa totalidade só é acessível aos sentidos, e mesmo ao sentimento, porque ela se dá unicamente sob a forma de uma “tonalidade afetiva dominante”. De tal modo que no fundo compreender uma paisagem é “ser na paisagem”, está “no ser”, é ser atravessado por ela, em “uma relação que afeta a carne e o sangue”, diz Dardel (2011, p. 31), esse ser invadido por uma cor fundamental que compõe a dinâmica e o ritmo de sua existência (BESSE, 2011, p.119).

Por essa perspectiva, o sabor se põe como um traço de extensão entre o homem e a Terra, traço de ligação existencial do homem com a Terra. Como forma de uma “tonalidade afetiva dominante”, como traço de geograficidade, “essa relação concreta que liga o homem à Terra” (DARDEL, 2011, p. 2) e que “se refere também a um espaço material, uma matéria da qual não podemos nos descartar” (HOLZER, 2011, p. 147).

Nesse horizonte, vislumbrado por imagens evocadas em sonhos e devaneios e sobre uma base existencial de sustentação, está uma geografia enraizada no sabor pelo sentido da paisagem. Uma geografia se faz pela via de exploração do mundo; um dizer do mundo; um sentir do mundo. Um mundo “em que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra” (DARDEL, 2001, p. 33). Devaneio material que antecede à contemplação? Sim, no dizer de Bachelard (1989, p. 5), “na cosmologia do sonho, os elementos materiais permanecem como os elementos fundamentais. [...] Sonha-se antes de contemplar”.

Se Gaston Bachelard incita a imaginação pela evocação da paisagem em sonhos e devaneios, Eric Dardel sustenta a base existencial da paisagem como espaço material. “Por toda parte o espaço geográfico é talhado na matéria ou diluído em substância móvel ou invisível” (DARDEL, 2011, p. 7). Na paisagem encontram-se valores existenciais resguardados em sonhos e devaneios que podem ser desvelados

e revelados pela via do sabor à luz bachelardiana. Nesse universo de exploração, poderia dizer como Dardel, que “chegamos, pelos caminhos da imaginação, a uma geografia de sonhos” (DARDEL, 2011, p. 5). Essa seria, então, a geografia que se põe em investigação como um anúncio de exploração teórica, e não como resultado de uma pesquisa empírica. Uma investigação em torno de pressupostos teóricos exploratórios e não como uma metodologia do sabor. É antes, uma vontade de colocar em discussão geográfica o sabor, não enquanto degustação (ou sentido gustativo), mas enquanto desdobramento da ligação homem e Terra – essa dimensão terrestre que ele imprime e expressa – e que está na paisagem.

DA MESA À PAISAGEM, DA PAISAGEM À MESA – EXTENSÃO TELÚRICA

*Amor ao solo
natal ou busca por novos ambientes, uma relação
concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade
(géographicit ) do homem como modo de sua
existência e de seu destino.*

Eric Dardel (2011, p. 1-2)

De entrada evidenciou-se que “Sabor & paisagem à luz de Bachelard” é um transcurso geográfico pela poética da terra. Um transcurso de extensão – prolongamento – do espaço telúrico. “A experiência telúrica coloca em jogo ao mesmo tempo, como nos mostra bem Bachelard, uma estética do sólido ou do pastoso e uma certa forma da vontade ou do sonho” (DARDEL, 2011, p. 15). O sabor não age apenas sobre nossos receptores oculares, olfativos ou gustativos. “Há uma experiência concreta e imediata onde experimentamos a intimidade material da ‘crosta terrestre’, um enraizamento, uma espécie de fundação da realidade geográfica” (DARDEL, 2011, p. 15). O sabor se

Sabor & paisagem à luz de Bachelard
Lúcia Helena Batista Gratão

põe primeiro, como sensações táteis ou como manifestações visuais de uma intimidade substancial, fazendo aparecer o primitivo. Ele é uma consistência e uma resistência do espaço telúrico.

Da mesa à paisagem, da paisagem à mesa é um desdobramento do espaço telúrico cedendo e concedendo ao saber geográfico o lugar que ocupa o sabor. Nesse desdobramento a paisagem se desvela como uma “impressão de conjunto”, sob a forma de uma “tonalidade afetiva dominante” de “ser na paisagem” e atravessado por ela. Nesse prolongamento, o sabor se põe como base de existência instituindo essa geografia que se faz pela imaginação enraizada na experiência telúrica.

Desse modo, uma perspectiva exploratória de uma via única entre sabor e paisagem. O sabor posto como desdobramento da paisagem ou repercussão. Uma via geográfica que se funda e se estende na paisagem. “Forças imaginantes escavam o fundo do ser; querem encontrar o ser, ao mesmo tempo, o primitivo e o eterno. Dominam a época e história. Na natureza, em nós e fora de nós, elas produzem germes; germes em que a forma está encravada numa substância” (BACHELARD, 1989, p. 1). E, mais, “para que um devaneio tenha prosseguimento, é preciso que ele encontre sua matéria, é preciso que um elemento material lhe dê sua própria substância, sua poética específica. [...] os devaneios materiais antecedem à contemplação” (BACHELARD, 1989, p.4-5).

Ao estímulo do sabor de entrada, o destino que se propõe é uma leitura de escavação fenomenológica para compreender como sabor e paisagem se misturam, se desdobram e se repercutem, seguindo o imaginário geográfico e o mapa da imaginação. E, o desejo de destinação é explorar um campo geográfico que possibilita transitar pelo mundo da imaginação à luz de Bachelard (o filósofo), sustentado pelo espaço telúrico de Dardel (o geógrafo).

A essa luz e sobre essa base descerra-se a geografia que se abre à experiência do mundo. Uma geografia que ao mesmo tempo sonha e fixa o homem no lugar de sua existência. Uma geografia que se faz pela imaginação enraizada na experiência telúrica. Busca de dois mundos, procurando dar passagem aos dois mundos (filosofia e geografia) pela escrita da terra – o verdadeiro significado de geografia. Essa escrita que leva a decifrar o mundo pela leitura do real geográfico. O termo grego sugere que a Terra é um texto a decifrar (DARDEL, 2011, p. 2). O sabor é um traço desse texto “que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino” (DARDEL, 2011, p. 2).

Uma destinação pelo mundo da geografia que leva a imaginação a percorrer pelo traçado da Terra, decifrando os signos ocultos que se ligam à Terra.

Consentir aos sonhos de criança, seguir as pegadas de um poeta, de um filósofo ou de um artista amados, em busca de uma poética da geografia no espírito de Bachelard, que fala de uma poética do espaço e de um direito de sonhar. A prosa do mundo pode ser decifrada, segundo a lição desse filósofo (ONFRAY, 2009, p.111).

Nesse percurso, movendo-se a pensar e sonhar. Uma travessia pela poética da terra ou uma viagem geográfica de volta às raízes? “Evidentemente os profissionais da geografia resistem a esse novo método, demasiado poético e filosófico, demasiado impreciso e conceitual”, diz o filósofo Onfray (2009, p. 105), porém, um caminho já em percurso.

A sutileza do sabor e a materialidade da paisagem são elementos essenciais dessa exploração geográfica. Nesse transcurso, como não contemplar e explorar a paisagem de outra maneira, senão pelo encantamento do mundo – ou da geografia? Como não deixar-se encantar e (en)levar-se pela geografia que torna possível o trabalho

Sabor & paisagem à luz de Bachelard
Lúcia Helena Batista Gratão

poético, trabalho do devaneio, do sentimento e da sensação? Uma poética da geografia supõe a “arte de deixar-se embeber pela paisagem, para querer depois compreendê-la, vê-la em suas combinações, antes da partida para as regiões lúdicas onde o poeta acompanha o geógrafo e o filósofo” (ONFRAY, 2009, p. 105). “Só olhamos com uma paixão estética as paisagens que vimos antes em sonho” (BACHELARD, 1989, p. 5).

Diante da exposição de entrada do sabor ao sonho e devaneio, fica claro que essa escrita é de verdade um texto de poética da geografia; uma poética da Terra. O sabor se põe à mesa em forma de paisagem – extensão da Terra. Ao saborear os alimentos saboreia-se o lugar, a casa, a Terra. Um gesto de retorno; volta à Terra. “Será de admirar que a matéria nos atraia para as profundezas de sua pequenez, para o interior de sua semente, até o princípio de seus germes? [...]. É por se ter tornado um centro de interesse que o centro da matéria entra no reino dos valores” (BACHELARD, 1990, p. 3).

Claro, nesse mergulho no infinitamente pequeno da substância nossa imaginação entrega-se às mais mal fundadas impressões. Daí as imagens materiais passarem, entre os homens de razão e de bom senso, por ilusórias. Seguiremos no entanto a perspectiva dessas ilusões. Veremos como as primeiras imagens completamente ingênuas e muito reais do interior das coisas, do embutimento das sementes, nos levam a sonhar com uma intimidade das substâncias (BACHELARD, 1990, p. 3-4).

Esse é o sentido de escrever um texto que envolve sabor e paisagem pelo prolongamento de uma filosofia, que se cria no humanismo de essência fenomenológica e de uma geografia que leva em conta o Homem e se funda em base existencial. Homem e Terra mediada pelo sabor. A paisagem pondo-se à mesa e nos levando a sonhar com uma intimidade das substâncias no prolongamento da Terra pela via

do imaginário e da memória, passando-se à essência de sabor. Como uma página escrita, impressa, que ao ser lida se desvela e revela, ao saborear a paisagem, sua essência de sabor se desvela e revela. A paisagem é, ao mesmo tempo, impressão e expressão. Tem (suas) mensagens – cor, cheiro, som, sabor. A paisagem se põe nas relações intersubjetivas. É ela, produtora de significados.

À MESA COM BACHELARD – PAISAGEM, MEMÓRIA E IMAGINÁRIO

Antes de ser um espetáculo, toda paisagem é uma experiência onírica. Só olhamos com uma paixão estética as paisagens que vivemos antes em sonho. Mas a paisagem onírica não é um quadro que se povoa de impressões, é uma matéria que pulula.

Gaston Bachelard (1989, p. 5)

“À mesa com Bachelard” é uma expressão inspirada no título do livro “À mesa com Monet”. Como Bachelard, Monet também é francês. Como Bachelard, Monet também seduz pelo poder da imaginação. As suas criações imaginárias em torno da paisagem serviram de inspiração para a composição contextual ao modo de contemplar arte e paisagem numa só mesa, por dois grandes sonhadores de mundo. Um, pelo lado da filosofia; outro, pelo lado da pintura. E o sabor entremeando e mediando esse encontro pela memória e pelo imaginário no prolongamento da paisagem. Dois grandes mestres da arte de sonhar inspirando a elaboração dessa composição geográfica à luz da imaginação. A paisagem pondo-se à mesa como experiência onírica.

“À mesa com Monet” de Claire Joyes, publicado em 2010, é uma obra que retrata com belas fotos a casa do pintor, os belos jardins e

Sabor & paisagem à luz de Bachelard
Lúcia Helena Batista Gratão

as requintadas mesas postas para servir. Uma composição que revela a intimidade familiar e os segredos culinários do pintor. Num só livro, numa só obra: natureza, arte e gastronomia. “A cozinha resplandece de um azul-claro laqueado. Como o ateliê, é um dos lugares sagrados da casa”, escreve a autora do livro (JOYES, 2010, p. 35), referindo-se a uma foto da cozinha de Monet. Uma mistura de arte, paisagem e seus cadernos de receitas. Uma reprodução minuciosamente do estilo de viver e de receber do artista. Um sedutor atrativo para quem se deleita ao prazer da mesa e busca conhecer o sabor na repercussão da paisagem, da memória e do imaginário. Pode-se imaginar o que representa um achado dessa natureza para uma investigação em torno do sabor à luz de Bachelard. Quanta memória resguardada no imaginário – a paisagem, a casa, a cozinha. Universo que seduz e incita à investigação no campo da imaginação geográfica e da poética do espaço – poética da terra. Esse universo poético de grande significação, cujo acesso se dá à luz da fenomenologia da imaginação. “Antes de ser um espetáculo, toda paisagem é uma experiência onírica” (BACHELARD, 1989, p. 5).

Nesse pretexto de encontro e leitura, põe-se “À mesa com Bachelard”, composta por três elementos essenciais que envolvem o sabor – paisagem, memória e imaginário –, sonhada, imaginada e pensada como um modo de mostrar como esses elementos-alimentos se relacionam no universo de investigação. Bachelard, esse filósofo dos quatro Elementos da Natureza, dos quatro Elementos da Alquimia. Alquimia das metamorfoses que inaugurou e assegurou o reino do onirismo. Gaston Bachelard, filósofo-poeta-sonhador e químico, influenciou, também, a arte da cozinha – química na cozinha (RODRIGUES, 2005a).

Sua luz chega ao espaço da cozinha alquimizada em sonhos e devaneios. Chama-fogo resplandecente que se projeta do “alquimista

noturno”, “inovador da concepção de imaginação, explorador do devaneio, exímio mergulhador nas profundezas abissais da arte, amante da poesia” (PESSANHA, 1994, p. vi). Luz que irradia da sedução poética, o filosofar onírico (RODRIGUES, 2005b), reflexões para a lírica pedagógica (FERNANDES; MENEZES, 2007) e que incita a vontade da pesquisa em compreender os pressupostos bachelardianos em torno da imaginação (GRATÃO, 2008; 2010a; 2010b; GRATÃO; MARANDOLA JR., 2009). Os pressupostos de Bachelard, especialmente em *A poética do devaneio* (1988a), *A poética do espaço* (1988b) e *A Terra e os devaneios do repouso* (1990), são fundamentais para desvendar a geografia de Dardel, *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica* (2011), essencialmente fenomenológica.

Essa luz sonhada e imaginada estende-se ao universo do sabor pela dimensão da imaginação. Para Bachelard, a imaginação antecede o pensamento, não é uma substância derivada nem submetida à razão, constituindo-se uma situação inversa: “em seu contato com a razão, a imaginação mostra a força inventiva, criadora e aberta” (RODRIGUES, 2005b, p. 55). Bachelard sonha – e nos arrasta para o envolvente “espaço onírico”. Bachelard sonha – e nos desvela a essência mesma do poético (BACHELARD, 1994). Bachelard sonha – e nos incita a investigar o campo possível do direito de sonhar em geografia (GRATÃO, 2008). À raiz desses pressupostos, o sabor se põe à mesa. O sabor é um elemento-alimento de sonhos e devaneios. Extensão telúrica que se irradia como mediação entre o homem e a Terra pela via da paisagem.

À mesa com Bachelard é a volta a casa, o retorno à Terra pelo desdobramento, ressonância e repercussão dos elementos que a compõem. Uma composição que remete à casa onírica. O sabor como mediação dessa composição é capaz de levar a essa volta. E à mesa serve-se ao espaço concreto de mediação.

Sabor & paisagem à luz de Bachelard
Lúcia Helena Batista Gratão

Como já anunciado, o desejo de destinação é explorar um campo geográfico que possibilita transitar pelo universo da imaginação à luz de Bachelard, sustentado pelo espaço telúrico de Dardel, descerrando-se uma geografia que cede e concede a experiência do mundo. Uma geografia que ao mesmo tempo sonha e fixa (finca) o homem no lugar de sua existência. Essa geografia que se faz pela imaginação enraizada na experiência telúrica. O sabor revela a “paisagem-existência” e pode aguçar a curiosidade e atrair novos campos de exploração e “découvrir les nouvelles voies de cette discipline”, como diz Bailly e Scariati (1999) em *Voyage em Géographie*, e, então, saborear novos saberes ao sentido da paisagem. Saberes que possam levar a decifrar o mundo pela leitura do real geográfico.

O geógrafo enquanto explorador de paisagens e lugares – leitura e documentos – segue procurando preencher os “espaços vazios” dos nossos “mapas de sentimentos”. Esse mesmo geógrafo deve buscar também, prazerosamente, abrir os livros, os olhos e as janelas para outros horizontes de saberes. Horizontes que conduzem a viajar pelo mágico e misterioso universo da imaginação poética! (GRATÃO, 2002; 2008; 2010c). Com essa amplitude de ser geógrafo pode, também, ampliar o sentido imaginário do sabor. Não poderia por esta perspectiva, despertar a consciência adormecida para os mistérios profundos do mundo interior e da vida? “A memória sonha, o devaneio lembra. Ininterruptamente a imaginação reanima a memória, ilustra a memória” (BACHELARD, 1988a, p. 20).

Com esse ensejo, o que se põe em contexto é uma escavação onírica e telúrica pela essência do sabor. Uma essência geográfica capaz de levar ao sentido de lugar, de volta a casa e retorno à Terra. À mesa com Bachelard é composta por três elementos-alimentos que substanciam o sabor: paisagem, memória e imaginário. A leitura poética e envolvente das escritas bachelardianas permeadas de profundo sentimento

telúrico, (en)levou o prazer e a vontade em (con)ceder ao sabor, o lugar que ocupa na imaginação poética desse projetor de imagens, Gaston Bachelard. Assim, procurando instituir a imaginação geográfica pela dimensão da memória e do imaginário.

Nessa evocação e projeção, a paisagem se desvela em imagens. Bachelard seduz e traduz o valor da imagem. Bachelard é mestre nessa arte: à mesa, sabor e paisagem se põem enquanto repercussão da memória e do imaginário em explosão de imagens. No tocante ao sabor, imagem substancial fundante de essência e de ser. Imagem de enraizamento. “O poeta não me confere o passado de sua imagem e, no entanto, ela se enraíza imediatamente em mim”, declara Bachelard (1989, p. 2), referindo-se à comunicabilidade de uma imagem singular, fato de grande significação ontológica.

O que desvela essa imagem; o que ela revela, quando se estende à mesa uma verdadeira ramificação da paisagem? Quando a paisagem que se põe à mesa, desvela-se em sabor no prolongamento, na repercussão e projeção da memória e do imaginário? Extensão do homem ou extensão da Terra? Extensão do ser? Tudo isso, em laços e entrelaços de ser-paisagem-homem-Terra. Tudo isso, o que compõe a mesa pela arte da fenomenologia, a que Bachelard projeta do campo da filosofia e que Dardel funda no campo da geografia. Por esta arte os dois mestres se encontram e – e se (ex)põem à mesa.

A Figura 1 mostra a composição da mesa e o desdobramento do sabor a partir da Terra-raiz, substrato, existência.

O sabor é essência impregnada de todas estas dimensões que envolvem a paisagem. Memória que brota da terra manifesta do e no imaginário. Paisagem que guarda e resguarda memória; se guarda, expressa e revela. Que essência é essa capaz de conduzir de volta à Terra? A paisagem é ela, uma extensão, uma relação entre o lugar e o homem que nela habita – que está nela. Composição de lembranças

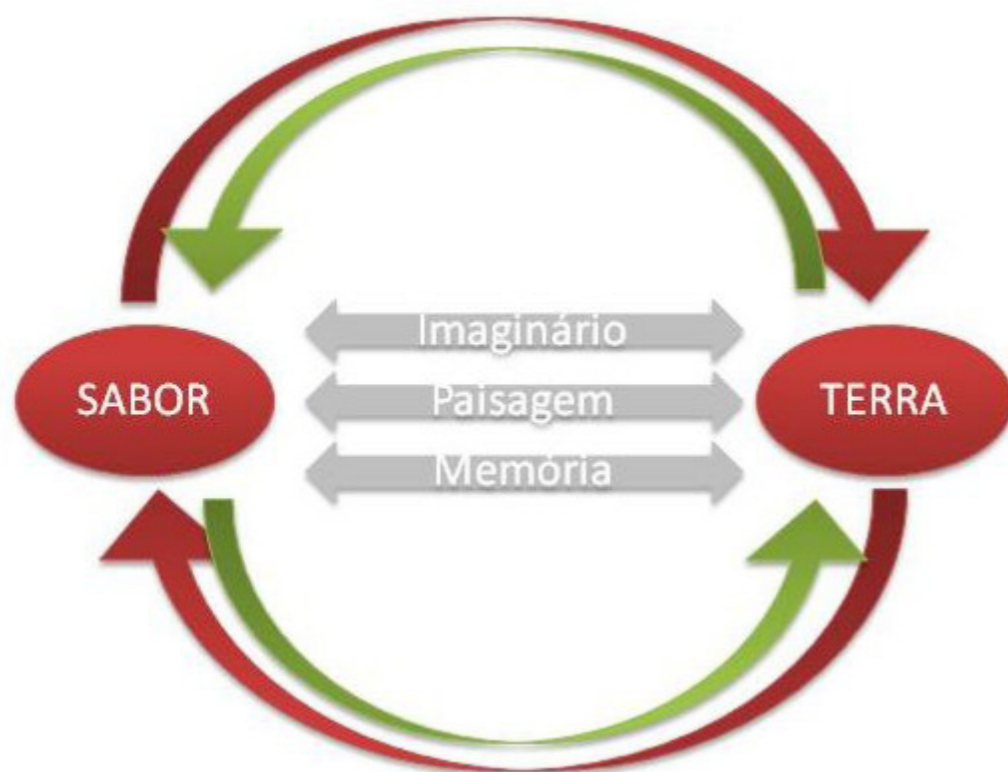


Figura1 – À mesa com Bachelard: desdobramento do sabor

que podem desvelar a “essência geográfica” – existência – produção de sentidos e significados. Um relicário capaz de guardar o que está vivo na consciência de ser e existir. Que essência é essa? Sabor ou paisagem? Se ambos são extensões – prolongamentos – da Terra?

Vê-se na figura que os ligamentos brotam, estendem-se e ligam-se numa só raiz – Terra. Enquanto expressão de tudo que é paisagem, o sabor é marca e matriz. E, assim, de maneira simbólica, de onde vem o sabor (brota da terra)? Como se manifesta enquanto prolongamento da paisagem (sabor de paisagem)? Extensão do espaço telúrico (memória da terra) ou projeção do imaginário (cultura ou natureza)? O que a figura procura mostrar nas ligações do sabor é o transcurso da volta a casa, o retorno à Terra, e a paisagem é o elemento-alimento de desdobramento da essência a que se referem as ligações existenciais

do Homem com a Terra pela geograficidade (DARDEL, 2011), pela topofilia (BACHELARD, 1988b; TUAN, 1961; 1980) ou a casa onírica (BACHELARD, 1990). Expressões espaciais impregnadas de valores imaginados, sonhados e resguardados na memória – Terra.

Acompanhar a figura de composição de “À mesa com Bachelard” é uma “viagem” instigante e reveladora, pois se passa em torno da mesa enquanto se saboreia – a paisagem. O sabor se revelando pelas vias da memória e do imaginário. O sabor refletindo a ressonância entre Homem e Paisagem e aprofundando a repercussão Homem-Terra, ou seja, o sabor como mediação de ressonância e repercussão. Uma ligação do ser-existência. Como diz Bachelard (1988b, p. 7): “As ressonâncias dispersam-se nos diferentes planos da nossa vida no mundo; a repercussão convida-nos a um aprofundamento da nossa própria existência. [...]. A repercussão opera uma inversão do ser”. Quando acreditamos estar degustando a paisagem, estamos a saboreá-la.

Não é o ato simples de comer que desperta o (nosso) interesse pelo sabor, mas o sentido de paisagem. O sentido de enraizamento que ela carrega no valor à Terra. Não importa qual seja o alimento-elemento, mas as lembranças despertadas. A paisagem reconduzindo a casa, à Terra. Mesmo que seja em expressões literárias, na poesia, no poema. Por exemplo, Cora Coralina faz essas voltas em dois belos cânticos, que mesmo não sendo versos de sabor, remete às origens. No Cântico da Terra: “Eu sou a fonte original de toda vida. / Sou o chão que se prende à tua casa. [...] / Eu sou a grande Mãe universal. [...] / A mulher e o ventre que fecundas” (CORALINA, 1987, p. 213-214). No Cântico da Volta:

Sobrevivi aqui ainda, e, sempre, o mesmo determinismo histórico que fez viver e florescer, dentro desta muralha de serras e rodeada destas águas vivas, [...] Os morros verdes parece que

Sabor & paisagem à luz de Bachelard Lúcia Helena Batista Gratão

vestiram para mim galas vegetais. [...] – A festa da Volta às Origens da Vida. [...] A cidade lendária me toma nos braços, me enlaça e prende. Euforia, levitação... Para ti, cidade-mater, este cântico perdido de quem volta às origens da Vida (CORALINA, 2003, p. 105-109).

Mia Couto também dá testemunho dessas (re)voltas na sua escrita telúrica e poética em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (COUTO, 2003). Tanto para Cora Coralina quanto para Mia Couto a Terra é a referência, suas raízes – a casa. Uma casa chamada Terra. Na extensão do sabor, a Terra é também a referência – a raiz.

Diante dessas imagens enraizadas de poética da terra não temeria em dizer como Bachelard (1988b, p. 12) que “seria sem dúvida com o fenômeno poético que encontraríamos as lições mais claras, as lições elementares”. Lições que levam a deparar com a subjetividade (tão cara à geografia). Lições da poética do espaço para a poética da geografia. Lições aprendidas no manual de Dardel (2011) sobre geografia fenomenológica, substrato do estudo da paisagem e lugar enquanto essências geográficas (HOLZER, 1997; 1999). Geografia que recupera a relação visceral do Homem com a Terra entrelaçada e enraizada pela geograficidade (DARDEL, 2011).

O ensejo é esse: do sabor à casa-Terra. E não estou falando da casa da lembrança.

De que valem as casas da rua quando se evoca a casa natal, a casa da intimidade absoluta, a casa onde se adquiriu o sentido da intimidade? Essa casa está distante, está perdida, não a habitamos mais, temos certeza, infelizmente, de que nunca mais a habitaremos. Então ela é mais que uma lembrança. É uma casa de sonhos, a nossa casa onírica (BACHELARD, 1990, p. 75).

Como se vê, “quando se sabe dar a todas as coisas a seu peso justo de sonhos, habitar oniricamente é mais do que habitar pela lembrança.

A casa onírica é um tema mais profundo que a casa natal. Corresponde a uma necessidade mais remota” (BACHELARD, 1990, p. 77), confessa o filósofo em devaneio do repouso.

A casa da lembrança, a casa natal, é construída sobre a cripta da casa onírica. Na cripta encontra-se a raiz, o apego, a profundidade, o mergulho dos sonhos. Nós nos “perdemos” nela. Há nela um infinito. Sonhamos com ela também como um desejo, como uma viagem, que às vezes encontramos nos livros. Ao invés de sonhar com o que foi, sonhamos com o que deveria ter sido, com o que teria estabilizado para sempre nossos devaneios íntimos (BACHELARD, 1990, p. 77).

O sabor está na raiz, no apego, na profundidade, no mergulho dos sonhos nos nossos devaneios íntimos da “casa” bachelardiana.

Uma casa onírica é uma imagem que na lembrança e nos sonhos, se torna uma força de proteção. Não é um simples cenário onde a memória reencontra suas imagens. Ainda gostamos de viver na casa que já não existe, porque nela revivemos; muitas vezes sem nos dar conta, uma dinâmica de reconforto. Ela nos protegeu, logo, ela nos reconforta ainda. O ato de habitar reveste-se de valores inconscientes que o inconsciente não esquece. Podemos lançar novas raízes do inconsciente, o desenraizamos (BACHELARD, 1990, p. 92).

Com esse corpo impregnado pelo onirismo bachelardiano busca instituir o corpo geográfico que leva de volta a casa, mediado pelo sabor. Uma “viagem” de sonhos que seduz aqueles que se deixam (en) levar pela imaginação e se sustenta pela raiz telúrica. A geografia de Dardel traça-retrata muito bem essa “viagem” existencial-telúrica e a sua destinação-busca de uma “geografia de sonhos” (DARDEL, 2011, p. 5).

Bachelard vai lidar, justamente, com a ideia da imaginação como mediadora da experiência humana na relação do espaço. Enquanto

filósofo das imagens (en)leva-nos ao imaginário do sabor através de imagens poéticas, experienciais, imaginárias, materiais e concretas (Figura 1). Suas experiências materiais dão sustentação a esse “corpo” e essa “alma” geográfica no sentido de assegurar o direito de sonhar e imaginar o mundo. (sustentação teórica). Em contexto, mundo do sabor. À sua luz, Bachelard permite inaugurar uma reflexão sobre o trabalho onírico que sirva para realçar a diferença das concepções comuns sobre o trabalho humano concreto.

Como poderemos nos surpreender com o mundo em que vivemos se não o experienciamos em sua profundidade imaginária? Gaston Bachelard subsidia tal imaginação ao revelar que, a despeito de todas as proibições dos filósofos, o homem sonhador quer chegar ao âmago das coisas. Bachelard considera que “o filosofar jamais deixa de trabalhar sobre experiências culturais e individuais primeiras, frequentemente, insere em seus textos, discretas, mas, tocantes, recordações pessoais, imagens familiares” (PESSANHA, 1988, p. 156).

O desdobramento do sabor, certamente, passa também por recordações pessoais e imagens familiares. “A terra natal é menos uma extensão do que uma matéria. É nela que materializamos os nossos devaneios; é por ela que nosso sonho adquire sua exata substância; é a ela que pedimos nossa cor fundamental” (BACHELARD, 1989, p. 9). A paisagem vivida por uma pessoa não emoldura simplesmente as circunstâncias, ela integra-se à sua existência e torna-se parte dela. Ao reconduzir de volta a casa (pelo sabor), a paisagem vivida por uma pessoa integra-se à sua existência e torna-se parte dela. Esse é o ensejo. Bachelard com sua luz que resplandece à mesa dá asas à imaginação, leva de volta à Terra.

APRECIACÃO FINAL – O PRAZER DE SENTAR-SE À MESA E SABOREAR PAISAGEM

O propósito deste texto é uma destinação teórica no sentido de dar ao sabor o lugar que ocupa na imaginação geográfica e na poética da terra. Por isso está impregnado de expressões poéticas entremeando a escrita, com traços metafóricos e com uma certa dose de sutileza. Isso, considerando a abordagem a que se inscreve pelo fenômeno poético (essa que provém de uma fenomenologia). E já não nos parece um paradoxo dizer como Bachelard (1989b, p. 12), que “o sujeito falante está por inteiro numa imagem poética, pois se ele não se entregar sem reservas não entrará no espaço poético da imagem. Torna-se claro, então, que a imagem poética proporciona uma das experiências mais simples de linguagem vivida”. “As imagens trazem a marca do sujeito” (BACHELARD, 1990, p. 2). Diz ele ainda: “A metáfora é o fenômeno da alma poética. É ainda um fenômeno da natureza, uma projeção da natureza humana sobre a natureza universal” (BACHELARD, 1989, p. 190).

Diante desta exposição e apontamentos de apreciação final, o prazer maior foi sentar-se à mesa com Bachelard, mesmo que imaginariamente, e à sua luz da imaginação partilhar os seus devaneios em torno da paisagem para alimentar-substanciar uma geografia que procura dar ao sabor o lugar que ocupa na imaginação geográfica. Sentar-se à mesa à luz bachelardiana sobre a base dardeliana. Por isso, fazer essa “viagem” de sonhos em torno de uma “mesa de sabor” foi uma deliciosa aventura. O que pode proporcionar o prolongamento da paisagem pela via do sabor? Uma “viagem” de escavação fenomenológica pelo universo da memória e do imaginário. Um trajeto recortado de onirismo para se chegar à casa onírica. Tudo isso posto à mesa instigou a preparação do texto a ser publicado (não como receita) e difundido pelo “fabuloso mundo geográfico”.

Sabor & paisagem à luz de Bachelard
Lúcia Helena Batista Gratão

Preparar este texto foi, substancialmente, prazeroso. Quantas maneiras prazerosas de apreciação do sabor podem levar a conhecer sua história – costumes, hábitos – tudo que envolve a geografia. Nessa direção, ao longo da investigação foram encontradas certas obras importantes para alimentar o tema, porém, não foram exploradas com maior aprofundamento. Mesmo assim, considerando o contato com elas e o interesse em deslumbrá-las, são aqui referenciadas para serem lidas e substanciar novas pesquisas. Entre elas encontram-se: *Carême: cozinheiro dos reis*, de Ian Kelly (2005); *Banquete: uma história da culinária, dos costumes e da fartura à mesa*, de Roy Strong (2004); *São Paulo: memória e sabor*, de Rosa Belluzo (2008); e *O Brasil na rota das especiarias: o leva e traz de cheiros, as surpresas da nossa terra*, de Rosa Nepomuceno (2006). O contato com outras áreas de saberes (e de sabores) é essencial para aumentar a vontade de aprofundar e ampliar o campo de estudo geográfico.

Finalmente, sentar-se à mesa com Bachelard foi uma “viagem” instigante, sonhada e imaginada às asas da imaginação com destinação a uma “geografia de sonhos” que Dardel já havia anunciado (ou traçado?), e o grande ensejo era de se aventurar por ela. Uma experiência de base telúrica tendo o sabor como traço de extensão ou desdobramento. Não foi esse o anúncio de entrada? Uma exploração de “manipulação” teórica à luz bachelardiana?

E assim, está posto em contexto o estudo dessa essência da terra – o sabor, na perspectiva de fundar um campo de investigação que venha explorar o devaneio do sabor ou a poética do sabor. Esse é o ensejo que se projeta. ☉

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução: Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988a.

_____. **A poética do espaço**. Tradução: Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988b.

_____. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução: Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. Tradução: Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **O direito de sonhar**. Tradução: J. Américo Motta Pessanha. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

BAILLY, Antoine; SCARIATI, Renato. **Voyage en géographie**: une géographie pour le monde, une géographie pour tout le monde. Paris: Economica, 1999.

BELLUZO, Rosa. **São Paulo**: memória e sabor. São Paulo: Unesp, 2008.

BESSE, Jean-Marc. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global, 1987.

_____. **Villa Boa de Goyaz**. São Paulo: Global, 2003.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FERNANDES, Hercília M.; MENEZES, A. B. N. T. de. Cecília Meireles e o fenômeno criador: reflexões para a lírica pedagógica à luz de Bachelard. In: 18 EPENN – Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, Maceió, 2007.

GRATÃO, Lúcia Helena. **A poética d’ “O RIO” – ARAGUAIA! de cheias... & vazantes... (à) luz da imaginação!** 2002. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Sabor & paisagem à luz de Bachelard
Lúcia Helena Batista Gratão

_____. O direito de sonhar em geografia: à luz bachelardiana. In: Encontro Nacional de Geógrafos, **Anais...** São Paulo, 2008.

_____. Por entre becos & versos: a poética da cidade vi(vi)da de Cora Coralina. In: MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena. (Orgs.). **Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação.** Londrina: Eduel, 2010a.

_____. Bachelard telúrico: uma leitura à luz dos devaneios do repouso. In: Encontro Nacional de Geógrafos – ENG, **Anais...** Porto Alegre, 2010b.

_____. “O Rio” – ARAGUAIA! pela perspectiva da geopoética. In: ALVES, Ida F.; FEITOSA, Marcia M. M. (Orgs.). **Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos.** Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010c.

GRATÃO, Lúcia Helena B.; MARANDOLA JR., Eduardo. Sabor da, na e para a geografia. In: Encontro Nacional de Pós-Graduação – ENANPEGE, **Anais...** Porto Alegre, 2009.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica.** Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Território**, ano II, n. 3, jul./dez. 1997.

_____. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROENDAHL, Z.; CORRÊA, L. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

JOYES, Claire. **À mesa com Monet.** Tradução: Ana Maria Sarda e Maria Cecília d’Egmont. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

KELLY, Ian. **Carême: cozinheiro dos reis.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

NEPOMUCENO, Rosa. **O Brasil na rota das especiarias: o leva e traz de cheiros, as surpresas da nossa terra.** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2006.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem: poética da geografia.** Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.

PESSANHA, J. Américo Motta. Bachelard e Monet: o olho e a mão. In: NOVAES, Aduino (Org.). **O olhar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. Bachelard: as asas da imaginação. In: BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar.** Tradução: José Américo Motta Pessanha et al. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

RODRIGUES, Victor H. G. **Química na cozinha: uma conversa com professores, pesquisadores, alunos e técnicos do curso de Química da FURG.** Didática Sistêmica, v. 1, out./dez. 2005a, p. 1-6.

_____. Gaston Bachelard e a sedução poética: a criação de um filosofar onírico. **Revista Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental**, v. 15, jul./dez. 2005b. Disponível em: <<http://www.remea.furg.br/edicoes/vol15/arto5.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2007.

STRONG, Roy. **Banquete: uma história da culinária, dos costumes e da fartura à mesa.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

TUAN, Yi-Fu. Topophilia or, sudden encounter with landscape. **Landscape**, v. 11, n. 1, p. 29-32, 1961.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

Submetido em Agosto de 2011.

Revisado em Janeiro de 2012.

Aceito em Fevereiro de 2012.